



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE AGRONOMIA
CAMPUS DE POMBAL**

SANDERLEY EMANUEL OLIVEIRA DE ANDRADE

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO E ETNOVETERINÁRIO DE PLANTAS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE VÁRZEA COMPRIDA DOS
OLIVEIRAS, POMBAL, PARAÍBA, BRASIL**

**Pombal – Paraíba
2012**

SANDERLEY EMANUEL OLIVEIRA DE ANDRADE

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO E ETNOVETERINÁRIO DE PLANTAS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE VÁRZEA COMPRIDA DOS
OLIVEIRAS, POMBAL, PARAÍBA, BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de bacharel em Agronomia.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá

Co-orientador(a): Prof. Dra. Rosilene Agra da Silva

**Pombal – Paraíba
2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL
CAMPUS POMBAL/CCTA/UFCG**

A553e Andrade, Sanderley Emanuel Oliveira de.

Estudo etnobotânico e etnoveterinário de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. / Sanderley Emanuel Oliveira de Andrade. – Pombal: UFCG/CCTA, 2012.

40 f.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá.
Coorientador: Prof^a. Dr^a. Rosilene Agra da Silva.

Monografia (Graduação em Agronomia) – UFCG/CCTA/UAGRA.

1. Plantas medicinais. 2. Etnobotânica. 3. Etnoveterinária. 4. Doenças - Cura. 5. Comunidades tradicionais. I. Maracajá, Patrício Borges. II. Silva, Rosilene Agra da. III. Título.

UFCG/CCTA

CDU 633.88(813.3)(043)

SANDERLEY EMANUEL OLIVEIRA DE ANDRADE

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO E ETNOVETERINÁRIO DE PLANTAS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE VÁRZEA COMPRIDA DOS
OLIVEIRAS, POMBAL, PARAÍBA, BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Universidade Federal de Campina Grande, Centro
de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do grau
de bacharel em Agronomia.

APROVADA EM: 18/10/12

BANCA EXAMINADORA:



Orientador(a) – Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá
(Universidade Federal de Campina Grande – CCTA – UAGRA)



Co-orientador(a) – Prof. Dra. Rosilene Agra da Silva
(Universidade Federal de Campina Grande – CCTA – UAGRA)



Examinador(a) – Prof. Almir de Albuquerque Fernandes
(Secretaria de Educação do Município de Condado – PB)



Examinador(a) – Prof. Luci Cleide Farias Soares Sousa
(Prof. Licenciada em Letras – Especialista em Língua Inglesa)

**Pombal – Paraíba
2012**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José Manoel de Andrade e Maria Cecília de Andrade, que me deram não somente a vida, mas a minha educação. Obrigado meus pais, pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis da minha vida, pelo exemplo de humildade, pelo carinho, dedicação, confiança, paciência e acima de tudo, o amor que vocês me deram em todas as fases de minha vida. Por isso, devo muito a vocês pela pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em todos os momentos da minha vida, guiando-me e dando-me coragem de seguir em frente.

A toda minha família, em especial aos meus pais, José Manoel de Andrade e Maria Cecília de Andrade, pelo apoio, carinho e dedicação. Eles são a minha fortaleza.

A minha namorada, Ana Valéria Ferreira Bandeira, por me fazer a pessoa mais feliz do mundo.

Ao meu orientador Patrício Borges Maracajá, pela confiança, amizade, estímulo, orientação e pela paciência na fase final do trabalho.

A minha co-orientadora Rosilene Agra da Silva, pela paciência, atenção, companheirismo e valiosas observações feitas durante a realização deste trabalho.

Aos colegas, Auderlan, Álvaro, Cláudio, Edna, Eliamara, Elieuda, Geovani, Glauciene, Jônatas, Lauriane, Maria das Graças e Tamires, pelas infinitas horas de estudo, aprendizado, colaboração, descontração e convivência agradável durante o curso.

Aos colegas, em especial, Auderlan de Macena Pereira e Glauciene Ferreira Freires, pela ajuda concedida durante a realização do trabalho.

A comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, pela acolhida, amizade e valiosas informações gentilmente cedidas no decorrer da pesquisa de campo.

Aos entrevistados da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, pela disponibilidade de passar suas informações sobre plantas medicinais.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pela oportunidade ensejada para a ampliação dos meus conhecimentos.

Aos demais professores do curso de Agronomia, pelos valiosos ensinamentos repassados.

A Banca examinadora, pela atenção e pelas valiosas contribuições.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização e sucesso deste trabalho.

Muito Obrigado!

“A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instruí.”

Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE TABELAS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1. Plantas Medicinais	3
2.2. Etnobotânica	4
2.3. Etnoveterinária	6
2.4. Comunidades Tradicionais	7
2.5. Conhecimento Tradicional	8
3. MATERIAL E MÉTODOS	10
3.1. Caracterização do local de estudo	10
3.2. Métodos de coleta dos dados	11
3.3. Pessoas entrevistadas	12
3.4. Aplicação dos questionários	12
3.5. Tratamento, sistematização e análise dos dados	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1. Faixa etária dos informantes	13
4.2. Uso de plantas medicinais em humanos	14
4.2.1. Plantas citadas como medicinais para humanos	16
4.2.2. Partes da planta usadas no preparo dos remédios para humanos	19
4.2.3. Formas de preparo dos remédios para humanos	20
4.2.4. Estado de uso da planta no preparo dos remédios para humanos	21
4.3. Uso de plantas medicinais em animais	21
4.3.1. Plantas citadas como medicinais para animais	23
4.3.2. Partes da planta usadas no preparo dos remédios para animais	24
4.3.3. Formas de preparo dos remédios para animais	25
4.3.4. Estado de uso da planta no preparo dos remédios para animais	26
4.4. Uso do mel de abelha associado com plantas medicinais	27
4.4.1. Plantas citadas em associação com o mel de abelha	29

5. CONCLUSÕES	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7. REFERÊNCIAS	32
8. ANEXOS	38

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Localização geográfica da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB. Fonte: Google Earth, 2012. 10
- Figura 2** - Entrevista realizada diretamente no domicílio de moradora da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012..... 11
- Figura 3** - Distribuição percentual por faixa etária dos informantes na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012. 13
- Figura 4** - Distribuição percentual dos informantes em relação ao uso de plantas medicinais na cura de suas doenças na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012. 14
- Figura 5** - Distribuição percentual dos informantes em relação ao tempo de tratamento na cura de doenças que acometem humanos com o uso de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012..... 15
- Figura 6** - Distribuição percentual dos informantes em relação ao cultivo de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012..... 16
- Figura 7** - Distribuição percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012. 18
- Figura 8** - Distribuição percentual dos informantes em relação às partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012. 19
- Figura 9** - Distribuição percentual dos informantes em relação as formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.20
- Figura 10** - Distribuição percentual dos informantes em relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.21
- Figura 11** - Distribuição percentual dos informantes em relação o uso de plantas medicinais na cura de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.22

Figura 12 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao tempo de tratamento na cura de doenças que acometem animais com o uso de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.....	23
Figura 13 - Distribuição percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	24
Figura 14 - Distribuição percentual dos informantes em relação as partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	25
Figura 15 - Distribuição percentual dos informantes em relação as formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	26
Figura 16 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	27
Figura 17 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao uso do mel de abelha associado com plantas medicinais na cura de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	28
Figura 18 - Distribuição percentual dos informantes em relação as espécies citadas em associação com o mel de abelha para a cura de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.....	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Plantas citadas como medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos pelos moradores da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.....	16
Tabela 2 - Plantas citadas como medicinais para o tratamento de doenças que acometem animais pelos moradores da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.	23

ANDRADE, S. E. O. de. **Estudo etnobotânico e etnoveterinário de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil**. Pombal, PB: UFCG, 2012. 40 p. Monografia (Graduação em Agronomia). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar. Pombal, PB.

RESUMO

Acredita-se que a utilização de plantas medicinais como medicamento seja provavelmente tão antiga quanto o próprio homem. O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades. Objetivou-se com este estudo, analisar, do ponto de vista etnobotânico e etnoveterinário, a utilização de plantas medicinais pela comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. A coleta dos dados foi realizada através do preenchimento de três questionários estruturados. Foram entrevistadas 40 pessoas, sendo 20 homens e 20 mulheres. Foram citadas 27 espécies usadas na cura de doenças que acometem humanos, 3 espécies usadas na cura de doenças que acometem animais e 6 espécies usadas em associação com o mel de abelha para a cura de doenças que acometem humanos. Para o tratamento de humanos, a comunidade utiliza as folhas, cascas, raízes, frutos, sementes, flores e bulbos, e como forma de preparo a infusão, maceração, decocção, sumo e gargarejo. Para o tratamento de animais, a comunidade utiliza os bulbos, frutos e folhas, e como forma de preparo a maceração, sumo, batido com leite e garrafada. As espécies mais citadas para o tratamento de doenças que acometem humanos foram: Hortelã (*Mentha* sp.), Erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Brown.) e Macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.). As espécies mais citadas para o tratamento de doenças que acometem animais foram: Alho (*Allium sativum* L.), Limão (*Citrus* spp.) e Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.). As espécies utilizadas em associação com mel de abelha para o tratamento de doenças que acometem humanos mais citadas foram: Limão (*Citrus* spp.), Laranja (*Citrus sinensis* L.) e Hortelã (*Mentha* sp.). A utilização das espécies medicinais, tanto para humanos, quanto para animais, foram mais direcionadas para a cura das afecções das vias respiratórias, problemas digestivos e inflamações em geral.

Palavras-chave: plantas medicinais, etnobotânica, etnoveterinária, comunidades tradicionais e conhecimento tradicional.

ANDRADE, S. E. O. de. **Ethnovet and ethnobotanical study of medicinal plants in the community Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brazil.** Pombal, PB: UFCG, 2012. 40 p. Monograph (Graduation in Agronomy). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar. Pombal, PB.

ABSTRACT

It is believed that the use of medicinal plants as medicine is probably as old as man himself. The knowledge about medicinal plants symbolizes often the only therapy of many communities. The objective of this study was to analyze, from the point of view ethnobotanical and ethnovet, the use of medicinal plants by community Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brazil. Data collection was accomplished by completing three questionnaires. We interviewed 40 people, 20 men and 20 women. Were cited 27 species used in curing diseases that affect humans, 3 species used in curing diseases that affect animals and 6 species used in combination with honey to cure diseases that affect humans. For the treatment of humans, the community uses the leaves, bark, roots, fruits, seeds, flowers and bulbs, and as a means of preparing the infusion, maceration, decoction, juice and gargling. For the treatment of animals, the community uses the bulbs, fruits and leaves, and as a means of preparation maceration, juice, milk and beaten with potion. The species most often cited for the treatment of diseases affecting humans are: Peppermint (*Mentha* sp.), Lemon Balm (*Lippia alba* (Mill.) NE Brown.) and Macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.). The species most often cited for the treatment of diseases that affect animals were: Garlic (*Allium sativum* L.), Lemon (*Citrus* spp.) and Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.). The species used in combination with honey to treat diseases that affect humans most often cited were: Lemon (*Citrus* spp.), Orange (*Citrus sinensis* L.) and Spearmint (*Mentha* sp.). The use of medicinal plants, both for humans and for animals, were more directed towards the cure of respiratory diseases, digestive problems and inflammation in general.

Keywords: medicinal plants, ethnobotany, ethnoveterinary, traditional communities and traditional knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Acredita-se que a utilização de plantas medicinais como medicamento seja provavelmente tão antiga quanto o próprio homem. Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, porém torna-se difícil delimitá-las com exatidão devido ao fato de que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas mágicas, místicas e ritualísticas. Consideradas ou não seres espirituais, as plantas, por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, adquiriram fundamental importância na medicina popular (MARTINS et al., 2000).

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos, e dessa forma, usuários de plantas medicinais de todo o mundo, mantém a prática do consumo de fitoterápicos, tornando válidas informações terapêuticas que foram sendo acumuladas durante séculos, apesar de nem sempre terem seus constituintes químicos conhecidos (MACIEL et al., 2002).

Plantas medicinais são aquelas que contêm substâncias bioativas com propriedades terapêuticas, profiláticas ou paliativas utilizadas na medicina. Ou seja, são plantas que melhoram a qualidade de vida e que interferem e ou reforçam o sistema imunológico (BARATA, 2007).

A descoberta de produtos naturais com potencial terapêutico tem como ponto de partida informações oriundas de comunidades tradicionais. A etnobotânica tem como objetivo trazer para linguagem científica estas informações e funciona como um verdadeiro atalho para pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos (ELISABETSKY, 1999).

Outro ramo do etnoconhecimento é a etnoveterinária que examina os conhecimentos, habilidades, métodos, práticas e crenças da população sobre os cuidados da saúde e bem estar dos animais. A etnoveterinária tem como um de seus objetivos validar os conhecimentos de diversas comunidades na utilização de medicamentos elaborados a partir de plantas medicinais, principalmente em países em desenvolvimento, que necessitam de alternativas economicamente viáveis visando o bem estar animal (MATEKAIRE & BWAKURA, 2004).

Geralmente, o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais das comunidades estudadas é construído através de relatos verbais que são transmitidos de forma oral. Diante do exposto, objetivou-se com este estudo, analisar, do ponto de vista etnobotânico e etnoveterinário, a utilização de plantas medicinais pela comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, localizada no município de Pombal, Paraíba, Brasil.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Plantas Medicinais

O uso de plantas para amenizar dores ou tratar moléstias se perdeu nos tempos. Desde a pré-história o homem procurou aproveitar os princípios ativos existentes nos vegetais (BERG, 1993). O processo de evolução da "arte da cura" se deu de forma empírica, em processos de descobertas por tentativas, de erros e acertos (MORS, 1982). Neste processo os povos primitivos propiciaram a identificação de espécies e de gêneros vegetais bem como das partes dos vegetais que se adequavam ao uso medicinal, o reconhecimento do habitat e a época da colheita (LÉVI-STRAUSS, 1989).

O conhecimento sobre o uso de plantas medicinais ocorreu nas civilizações chinesas há 3.000 anos a.C. enquanto os assírios, egípcios e hebreus têm registro desta prática desde 2.300 anos a. C. (MARTINS et al., 1994). A utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças constitui uma prática bastante antiga e eficiente. Ao longo da história, essa prática vem demonstrando ser uma fonte de recurso terapêutico eficaz, ganhando espaço no cotidiano da população (BESERRA et al., 2007). As plantas medicinais vêm sendo utilizadas como recurso terapêutico por intervirem no processo saúde/doença nas sociedades, pela população em geral e por profissionais especializados. (ALBUQUERQUE, 2000).

Segundo David & David (2002) o termo planta medicinal foi oficialmente reconhecido durante a 31ª Assembléia Mundial de Saúde, quando foi proposto que “planta medicinal é aquela, que administrada ao homem ou animais, por qualquer via ou sob qualquer forma, exerce alguma espécie de ação farmacológica”. Plantas medicinais são aquelas que possuem atividade biológica, com um ou mais princípios ativos úteis à saúde humana (FERREIRA, 1998).

Segundo Amoroso & Gely (1988), planta medicinal é toda a espécie vegetal que tenham um valor de caráter curativo para determinada comunidade, ou seja, que possua uma propriedade real ou imaginária, aproveitada pela comunidade para um ou mais fins específicos de cura, que seja empregada na prevenção, no

tratamento, na cura de distúrbios, disfunções ou doenças do homem e animais. As informações sobre os usos das plantas medicinais e suas virtudes terapêuticas foram sendo acumuladas durante séculos, e muito desse conhecimento empírico encontra-se disponível atualmente.

O uso de plantas medicinais ao longo do tempo proporcionou ao homem o acúmulo de conhecimento. Esse acúmulo de conhecimentos empíricos sobre a ação das plantas vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais, tornando a utilização de plantas medicinais uma prática generalizada na medicina popular (DORIGONI et al., 2001; MELO et al., 2007). De domínio público, o conhecimento sobre as plantas medicinais representou e ainda representa o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (DI STASI, 1996).

Apesar do uso de plantas medicinais ter sua propagação associada ao conhecimento popular empírico, paulatinamente vem sendo reconhecido e incorporado ao saber científico, sendo a etnobotânica um dos principais ramos da ciência que têm contribuído para a difusão da utilização terapêutica das plantas medicinais (DANTAS & GUIMARÃES, 2007). As plantas medicinais assumem importância estratégica, uma vez que os conhecimentos acumulados pelas comunidades aliados à baixa renda da população e ao deficiente sistema de saúde oficial, fazem com que grande parte da população utilize essas plantas como recurso terapêutico (SCHEFFER et al., 1999).

2.2. Etnobotânica

O termo etnobotânica foi inicialmente empregado por Harshberger, em 1895, para designar a ciência que estuda a utilização das plantas por populações tradicionais (JONES, 1941). Posteriormente, passou a tratar não só o uso, mas a relação homem-planta. Assim, o conceito de etnobotânica tem evoluído nos últimos anos e, atualmente, considera outros aspectos como as diversas técnicas de manejo empregadas na conservação das espécies vegetais, os componentes ecológicos, o valor e a importância dos recursos naturais para as comunidades, passando a

investigar as relações entre as diversas culturas humanas e a flora no seu entorno (PRANCE, 1987).

O prefixo Etno indica o modo como as pessoas olham o mundo. Quando usado ligado ao nome de uma disciplina, implica que pesquisadores desses campos buscam as percepções locais dentro desse enfoque acadêmico (MARTIN, 1995). Quando esse prefixo aparece diante de palavras como botânica, por exemplo, está querendo dizer que pesquisadores desse campo do conhecimento estão buscando as percepções de um determinado grupo humano acerca dos vegetais, a partir de um recorte acadêmico (HAVERROTH, 2007).

A etnobotânica desponta como o campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (CABALLERO, 1979). Almassy Jr. (2004) considera que a etnobotânica, além de ter caráter multi e interdisciplinar, busca junto a comunidades tradicionais, a compreensão das relações do ser humano com o ambiente, bem como o resgate das estratégias de manejo utilizadas por esses povos na exploração dos recursos vegetais naturais que tem garantido sua sobrevivência.

Amorozo (1996) define a etnobotânica como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas. A etnobotânica utiliza e valoriza o conhecimento tradicional dos povos e sobre vários enfoques possibilita entender suas culturas, bem como a utilização prática das plantas (SILVA, 2003).

Os estudos etnobotânicos são relevantes não apenas como uma ferramenta descritiva ou analítica sobre o uso de recursos, mas também devido ao seu potencial para o resgate e valorização de conhecimentos que estão sendo pouco a pouco abandonados (HANAZAKI, 2003). É através da etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (GUARIN NETO; SANTANA & BEZERRA DA SILVA, 2000).

A etnobotânica é citada na literatura como sendo um dos caminhos alternativos que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos (MACIEL et al., 2002). A abordagem ao estudo de plantas

medicinais a partir de seu emprego por sociedades tradicionais, de tradição oral, pode contribuir com muitas informações úteis para a elaboração de estudos farmacológicos, fotoquímicos e agrônômicos sobre essas plantas, com grande economia de tempo e dinheiro. Ela nos permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (AMOROZO, 1996).

2.3. Etnoveterinária

A combinação de conhecimentos, práticas, crenças e métodos relacionados à saúde animal é conhecida como etnoveterinária (BARBOZA et al., 2007). O conhecimento etnoveterinário reflete a experiência de vida dos povos. A curiosidade insatisfeita de pessoas que através de trabalho, com acerto e erro, desenvolveram um rico conhecimento através dos séculos de história e transmitiram, pela expressão oral, esse conhecimento entre as gerações (WANZALA et al., 2005).

Segundo Maar (1992) uma grande quantidade de sociedades tem organizado e experimentado, muitas vezes com êxito, várias técnicas terapêuticas e práticas especiais que servem para tratar e proteger seus animais. Entretanto, ainda seriam poucos os profissionais veterinários que estariam prestando alguma atenção a esta experiência empírica, relegando-a ao ultrapassado.

O reconhecimento e subsequente apreciação dos cuidados de saúde tradicionais das pessoas para com os animais é muito recente tanto nos ciclos acadêmicos quanto científicos (WANZALA et al., 2005). Segundo McCorkle (1986), o foco dessa atenção começou em meados da década de 1970 e o principal momento foi no começo da década de 1980. Após meados da década de 1980, o termo “Etnoveterinária” surgiu e foi introduzido dentro do universo acadêmico através dos esforços da Dr^a. Constance M. McCorkle (SOUTO, 2009).

A Etnoveterinária é a ciência que envolve a opinião e o conhecimento das práticas populares utilizadas para o tratamento ou prevenção das doenças que acometem os animais (MATHIUS-MUNDY & MCCORKLE, 1989). Segundo McCorkle (1986), a etnoveterinária é definida como a investigação sistemática e

aplicação prática do conhecimento popular, da teoria e da prática, dentro de uma visão holística e comparativa, onde os sistemas de produção animal seriam abordados nos seus aspectos ecológicos, socioeconômicos, culturais, políticos, históricos, entre outros. São aceitos outros conceitos, a exemplo do elaborado por Martin et al. (2001), o qual se refere a medicina etnoveterinária como uma abordagem holística para o provimento de cuidados para com a saúde animal.

2.4. Comunidades Tradicionais

Para Diegues et al. (2000) “sociedades tradicionais” são grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relação com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente.

As comunidades tradicionais em função da forte influência do meio natural apresentam modos de vida e cultura diferenciados. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como aprendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos crenças e mitos (MONTELES & PINHEIRO, 2007).

Segundo Diegues (1996), nas populações tradicionais o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana e/ou contemporâneas, e pelo que se tem observado, tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, quando sofre a ação inexorável da modernidade.

As populações locais possuem o seu modo próprio de trabalhar o meio a sua volta. Esta grande gama de informações é ainda muito desconhecida pelo meio científico (AMOROZO, 2002). Comunidades consideradas como tradicionais têm características específicas, como: a autoidentificação como um grupo tradicional, as atividades econômicas, vínculo histórico e ocupação de um determinado território para a sua reprodução cultural (ESTERCI, 2008).

As comunidades chamadas tradicionais (indígenas, extrativistas, camponesas, de pescadores artesanais, etc.) também se transformam sob o efeito de dinâmicas tanto internas quanto externas (transformações na estrutura fundiária, consumo de produtos industrializados, etc.), mas de forma mais lenta que nas sociedades urbano-industriais (DIEGUES et al., 2000).

2.5. Conhecimento Tradicional

Os estudos do conhecimento tradicional, em especial a medicina popular tem merecido atenção cada vez maior devido ao contingente de informações que vem oferecendo às ciências do homem (CAMARGO, 1985). O conhecimento empírico sobre a utilização dos vegetais vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até hoje, tornando-se uma prática comum na medicina popular. No entanto, atualmente nota-se que seu uso não se restringe apenas às zonas rurais ou regiões desprovidas de assistência médica e farmacêutica (DORIGONI et al., 2001).

O conhecimento tradicional é definido como o saber e o saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural e está intimamente relacionado à religiosidade e às relações familiares e de parentesco (DIEGUES, 2004). Posey (1986) também acrescenta que os saberes tradicionais, diferentemente do conhecimento técnico-científico, são formulados na experiência das relações com a natureza, sendo produtos da acumulação de conhecimentos através de gerações e, normalmente, transmitidos pela oralidade. Aplica-se o termo conhecimento tradicional para referir-se ao conhecimento que o povo local, isto é, residentes da região sob estudo, conhece sobre o ambiente natural (MARTIN, 1995).

O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto, e em muitos casos, é o recurso mais acessível de uma população rural (PASA et al., 2005). O conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para propiciar novos usos de plantas conhecidas, usos para plantas até então não utilizadas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias (POSEY, 1992).

Segundo Alves et al. (2007) o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas como fontes de medicamentos é importante do ponto de vista da prospecção

biológica, visto que, muitas das drogas hoje usadas na medicina moderna foram descobertas a partir de seu uso na medicina popular. O conhecimento popular pode fornecer dados importantes para novas descobertas científicas e as pesquisas acadêmicas podem originar novos conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas (SIMÕES et al., 1988).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Caracterização do local de estudo

O estudo foi desenvolvido na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, localizada na zona rural a 11 km do município de Pombal - PB. A comunidade está situada na mesorregião do Sertão Paraibano e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude $6^{\circ} 45' 23''$ S e longitude $37^{\circ} 51' 49''$ O. Fonte: Google Earth (2012).



Figura 1 - Localização geográfica da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB. Fonte: Google Earth, 2012.

A escolha da área de pesquisa deve-se a comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras apresentar um grande potencial em plantas medicinais, por mantêm uma forma de vida voltada ao uso dos recursos naturais, também pela sua marca

histórica e referências dos seus moradores, bem como pela facilidade de acesso à mesma.

3.2. Métodos de coleta dos dados

A coleta dos dados ocorreu no período de março a abril de 2012 através de visitas e entrevistas aos moradores da comunidade (Figura 2). As primeiras visitas ocorreram por intermédio de uma moradora local, que relatou dados sobre a comunidade, o que facilitou o andamento da pesquisa e o acesso aos moradores.



Figura 2 - Entrevista realizada diretamente no domicílio de moradora da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Foi esclarecido aos moradores da comunidade que o estudo era composto por perguntas através de questionários estruturados. O estudo foi realizado respeitando os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade.

3.3. Pessoas entrevistadas

As pessoas entrevistadas residiam efetivamente na comunidade. O estudo foi realizado com indivíduos com idade superior a 18 anos. A abordagem aos informantes foi realizada diretamente no domicílio do entrevistado, onde foram explicados em pormenores os objetivos do estudo.

3.4. Aplicação dos questionários

O estudo foi realizado através do preenchimento de três questionários estruturados. O primeiro contendo 10 (dez) perguntas específicas sobre a utilização de plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos (Anexo A). O segundo contendo 10 (dez) perguntas específicas sobre a utilização de plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem animais (Anexo B). O terceiro contendo 05 (cinco) perguntas específicas sobre a utilização do mel de abelha associado com plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos (Anexo C).

Os questionários foram aplicados a um público alvo de 40 pessoas, das quais, foram 20 homens e 20 mulheres, num universo de aproximadamente 80 famílias habitantes na comunidade. Foram efetuados vários registros e diversas observações sobre a utilização de plantas medicinais.

3.5. Tratamento, sistematização e análise dos dados

Os dados obtidos através dessa pesquisa foram analisados e organizados em tabelas e gráficos percentuais que foram elaborados e padronizados no software Microsoft Excel 2010.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Faixa etária dos informantes

A idade dos informantes variou entre 27 e 78 anos. As faixas etárias mais frequentes, em ordem decrescente, foram: 31-40 anos (35%), 41-50 anos (22,5%), 61-70 anos (15%), 51-60 anos (12,5%), 71-78 anos (10%), 27-30 anos (5%) (Figura 3), indicando que a utilização de plantas medicinais é feita por pessoas com idade superior, com mais experiência, sendo que se observa uma lenta substituição das pessoas mais idosas pelas de meia idade, indicando que a transmissão do conhecimento tradicional ocorre dos mais velhos (61-78 anos) para as pessoas maduras (31-50 anos). Já a utilização de plantas medicinais pelas pessoas mais jovens foi pouco evidenciada na comunidade estudada, apesar do incentivo dos pais e dos avós. Segundo Giddens (2002) tal desestruturação da rede de transmissão do conhecimento tradicional, é típica em nossa sociedade ocidental atualmente.

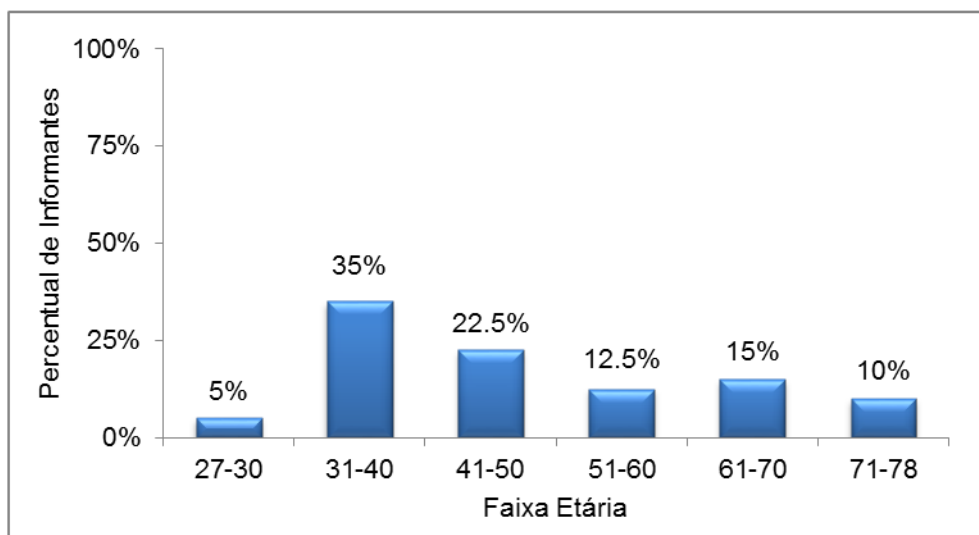


Figura 3 - Distribuição percentual por faixa etária dos informantes na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.2. Uso de plantas medicinais em humanos

Do total de entrevistados, 85% informaram se tratar com plantas medicinais, contra 15% que informou não se tratar (Figura 4), o que reforça a ideia de que as pessoas residentes na comunidade estudada utilizam a fitoterapia como forma de curar suas doenças, e usam as plantas medicinais também para prevenção e por costume. Segundo Barros et al. (2006) a procura destes recursos vegetais é provavelmente parte da sua cultura local e pela dificuldade ao acesso médico, e ainda o fator econômico. Segundo Nanyingi et al. (2008), a importância cultural da medicina tradicional e o isolamento físico de comunidades, ambos em geral, e a partir dos cuidados primários de saúde, são os fatores que influenciam o uso dramático de ervas medicinais em países em desenvolvimento.

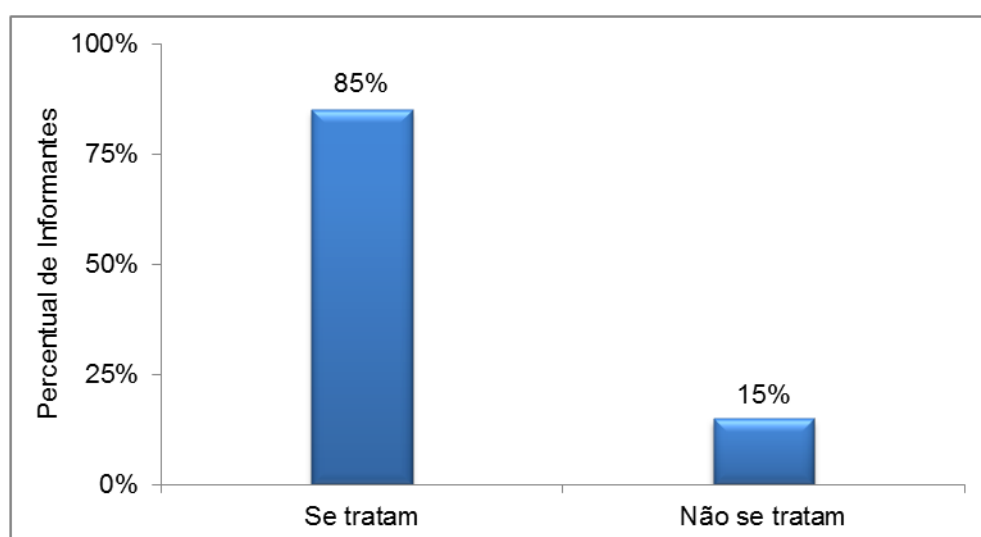


Figura 4 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao uso de plantas medicinais na cura de suas doenças na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Do total de entrevistados que informaram se tratar com plantas medicinais, todos relataram que conseguem a cura quando utilizam a fitoterapia, o que comprova a eficiência do tratamento realizado por meio de plantas medicinais.

Com relação ao tempo de tratamento das enfermidades, 58,82% relataram ser curto, contra 41,18% que relatou ser longo (Figura 5), o que demonstra a agilidade do tratamento fitoterápico na cura das doenças. Esses resultados concordaram com os resultados obtidos pelo trabalho de Araújo (2011) onde a

maioria das pessoas entrevistadas (67%), afirmaram que conseguem a cura em um período curto de tempo, quando utilizam a fitoterapia no tratamento de suas doenças.

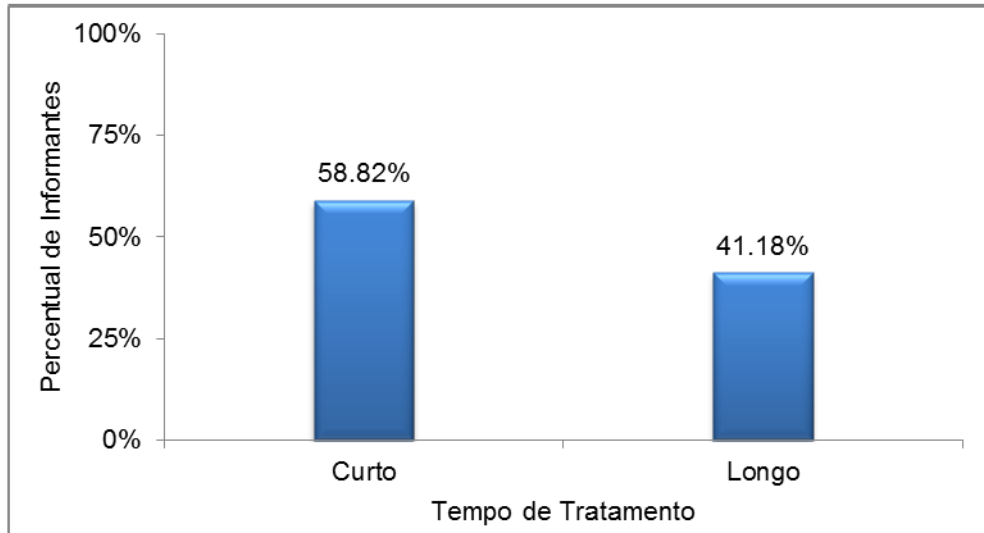


Figura 5 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao tempo de tratamento na cura de doenças que acometem humanos com o uso de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Do total de entrevistados que informaram se tratar com plantas medicinais, 41,18% relataram que cultivam plantas medicinais em suas propriedades, contra 58,82% que relatou não cultivar (Figura 6), indicando que a maioria das pessoas entrevistadas preferem adquirir as plantas em outros locais.

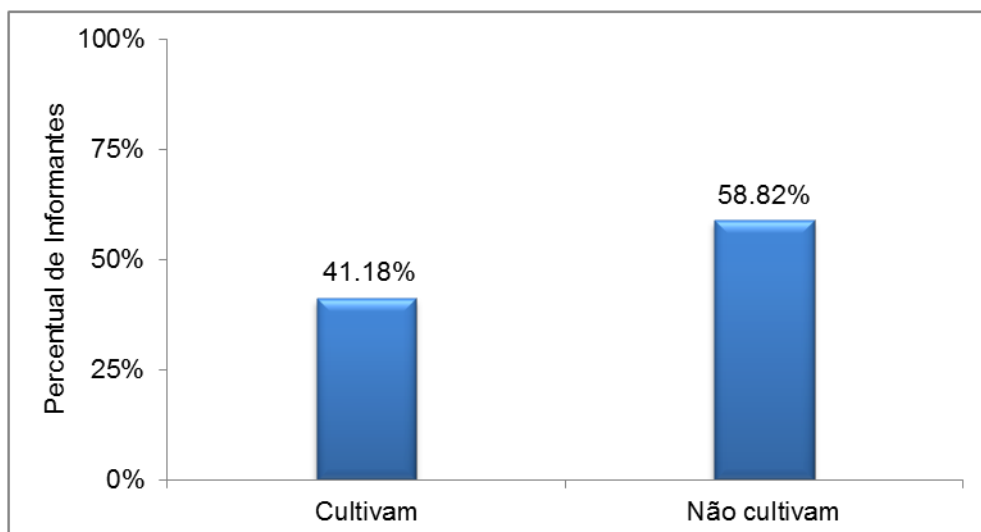


Figura 6 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao cultivo de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.2.1. Plantas citadas como medicinais para humanos

Foram citadas nas entrevistas 27 espécies vegetais diferentes que estão relacionadas na tabela 1, onde estão em ordem alfabética pela família com seus respectivos nomes específicos, nomes vulgares, partes usadas, formas de uso e indicações.

Tabela 1 - Plantas citadas como medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos pelos moradores da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Família	Espécie	Nome Vulgar	Parte Usada	Forma de Uso	Indicação
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Casca	Maceração, infusão, decocção, gargarejo.	Diarreia, gripe, fraqueza, problemas urinário, tosse, inflamações.
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	Flor	Infusão	Dor de cabeça, febre, gripe, calmante.
Asteraceae	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Macela	Flor, semente	Infusão	Diarreia, azia, problemas intestinais.
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	Folha	Infusão, maceração.	Dores na coluna, Problemas renais.
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Folha	Suco, infusão, maceração.	Problemas intestinais, inflamações, falta de apetite, prisão de ventre.
Capparaceae	<i>Cleome spinosa</i>	Mussambê	Flor, raiz	Infusão,	Gripe, tosse,

Caricaceae	Jacq. <i>Carica papaya</i> L.	Mamão-macho	Flor	xarope. Infusão	inflamações. Tosse, bronquite, rouquidão.
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folha	Fervida junto ao leite, Batidas junto ao leite no liquidificador, Infusão.	Gripe, tosse, resfriado, gastrite, inflamações, dor nos ossos.
Chrysobalanaceae	<i>Licania rigida</i> Benth. (n)	Oiticica	Folha, casca, raiz	Infusão, decoção.	Inflamações, diabetes.
Lamiaceae	<i>Mentha sp.</i>	Hortelã	Folha	Infusão	Problemas intestinais, gripe, resfriado, bronquite, asma.
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	Folha	Infusão	Febre, dor de cabeça diarreia, dor de barriga, tosse, má digestão.
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	Folha	Infusão, maceração	Problemas no intestino, problemas no estômago, insônia.
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Folha, fruto	Infusão	Problemas digestivos, anemia, diarreia.
Leguminosae	<i>Amburana cearenses</i> (Allemão) A. C. Smith. (n)	Cumaru	Semente, casca.	Maceração, decoção, infusão.	Inflamações, gripe, tosse, Problemas respiratórios.
Leguminosae	<i>Desmodium adscendens</i> D.C.	Carrapicho	Caule, folha, flor	Infusão	Dor de cabeça, dor de dente, disenteria, cicatrizante, má digestão.
Leguminosae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Casca	Maceração, infusão, decoção.	Inflamação da bexiga e próstata.
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Infusão	Inflamação na garganta.
Malvaceae	<i>Malva parviflora</i> L.	Malva	Folha	Infusão	Gastrite, úlcera, infecção na boca e na garganta, cicatrizante.
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Folha	Infusão.	Tosse, gripe, febre descongestionante respiratório.
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L. (n)	Ameixa	Casca	Decocção	Inflamações, cicatrização, lavagem de feridas, dor de coluna, diarreia, problemas no estômago.
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Capim Santo	Folha	Infusão	Calmante, dor de barriga, diarreia, febre, tosse, problemas digestivos.
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Casca do fruto	Decocção, maceração.	Afecções da garganta, ressaca, rouquidão, problemas no estômago.
Rutaceae	<i>Citrus spp.</i>	Limão	Fruto	Infusão, sumo.	Febre, gripe, resfriado, tosse.

Theaceae	<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-preto	Folha	Infusão	Diarreia, má digestão, gripe, resfriado, problemas nos rins.
Turneraceae	<i>Tunera guynensis</i> L.	Chanana	Folha, raiz	Infusão, maceração.	Problemas digestivos, dores em geral, eliminação de tumores.
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Brown.	Erva-cidreira	Folha	Infusão	Má digestão, calmante, dor de barriga, resfriado, diarreia.
Verbenaceae	<i>Vitex gardneriana</i> Schauer (n)	Jaramataia	Folha, casca	Infusão	Dor nos ossos, problemas nos rins, problemas na coluna, calmante, inflamações, dor no estômago.

Do total de 27 espécies, as mais citadas pelos informantes, em ordem decrescente, foram: Hortelã (64,71%), Erva-cidreira (58,82%) e Macela (47,06%). A distribuição percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem humanos pode ser visualizada na figura 7.

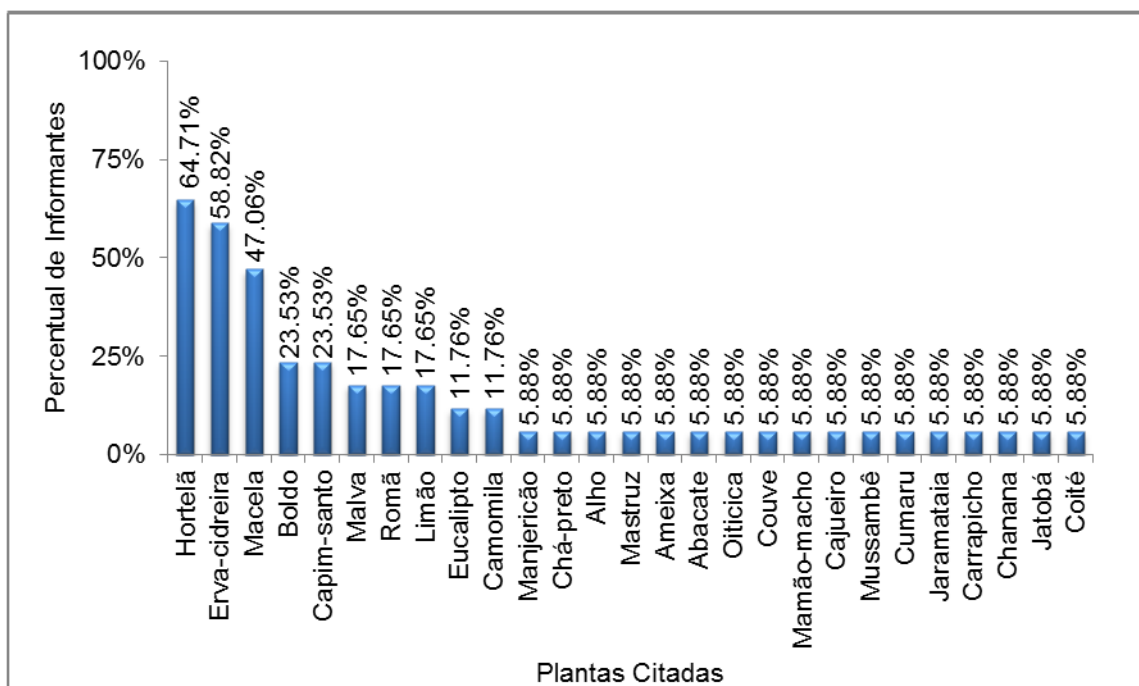


Figura 7 - Distribuição percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.2.2. Partes da planta usadas no preparo dos remédios para humanos

Com relação ao preparo dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos, os informantes citaram a maioria das partes constituintes das plantas. Do total de espécies citadas, as partes mais frequentes, em ordem decrescente, foram: folha (100%), casca (47,06%), raiz (17,65%), fruto (17,65%), semente (11,76%), flor (5,88%) e bulbo (5,88%) (Figura 8).

Esses resultados foram semelhantes aos obtidos no trabalho de Scudeller et al. (2009) onde as frações das plantas mais utilizadas no preparo dos remédios foram as folhas (61,9%), onde segundo Gonçalves & Martins (1998) geralmente estão concentrados grande parte dos princípios ativos. Para Castelluci et al. (2002), a provável explicação para o uso das folhas pode estar associada ao fato da colheita ser mais fácil e estarem disponíveis a maior parte do ano.

Do ponto de vista bioquímico convém saber distinguir a parte do vegetal a ser empregada, pois os princípios ativos distribuem-se pelas diferentes partes da planta de forma distinta, sendo possível encontrar substâncias letais em algumas partes (PINTO et al., 2000).

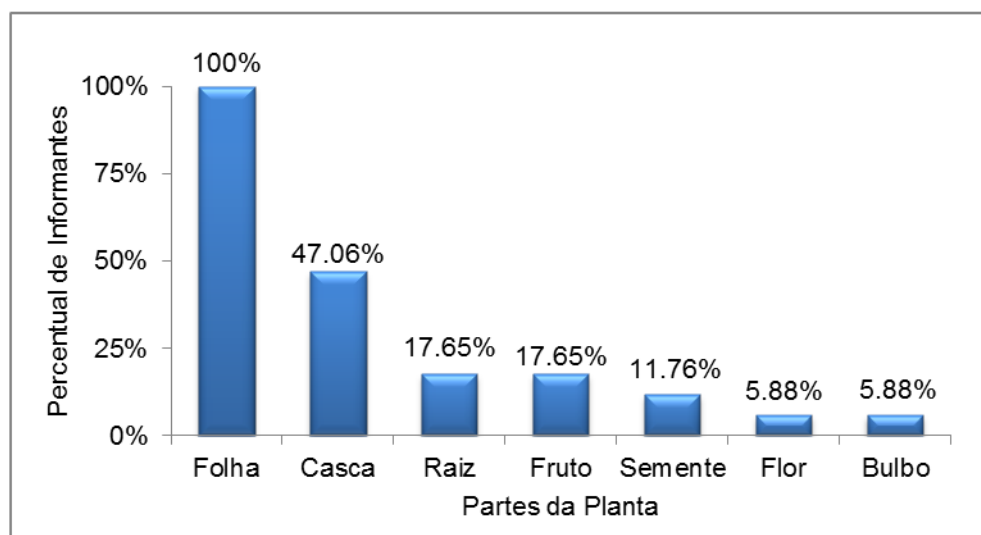


Figura 8 - Distribuição percentual dos informantes em relação às partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.2.3. Formas de preparo dos remédios para humanos

Os informantes indicaram várias formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos. Do total de espécies citadas, os modos de preparo dos remédios mais frequentes, em ordem decrescente, foram: infusão (88,24%), maceração (64,71%), decocção (17,65%), sumo (5,88%) e gargarejo (5,88%) (Figura 9).

Segundo De Paula et al. (2001) a forma mais comum de usos dos produtos naturais é a infusão e a maceração, isto devido a grande quantidade de seus remédios, serem preparados através da casca.

A forma de preparo de uma planta é importante para que as substâncias químicas responsáveis por seu efeito farmacológico sejam corretamente retiradas do interior das células da planta, bem como para não modificar suas propriedades químicas (PINTO et al., 2000).

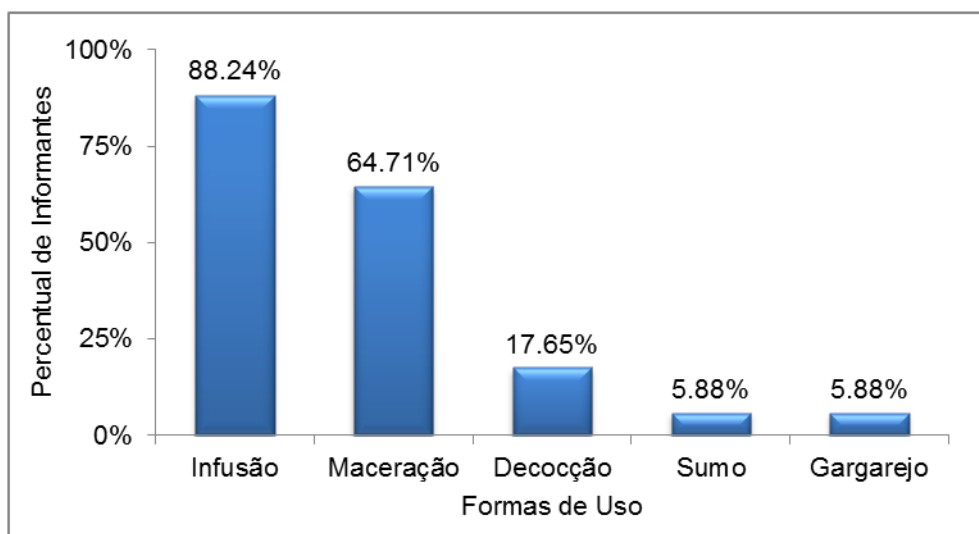


Figura 9 - Distribuição percentual dos informantes em relação às formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.2.4. Estado de uso da planta no preparo dos remédios para humanos

Com relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos, 76,47% afirmaram que utilizam as plantas em estado verde, contra 23,53% que informou utilizar em estado seco (Figura 10). Isso indica que os informantes preferem fazer uso das plantas ainda verde, visando aproveitar todo o seu potencial terapêutico.

Segundo Martins (2000), o consumo de plantas medicinais frescas tende a garantir uma ação mais eficaz dos poderes curativos nelas presentes, embora isso nem sempre seja possível, o que torna a secagem um método de conservação eficaz, quando bem conduzido.

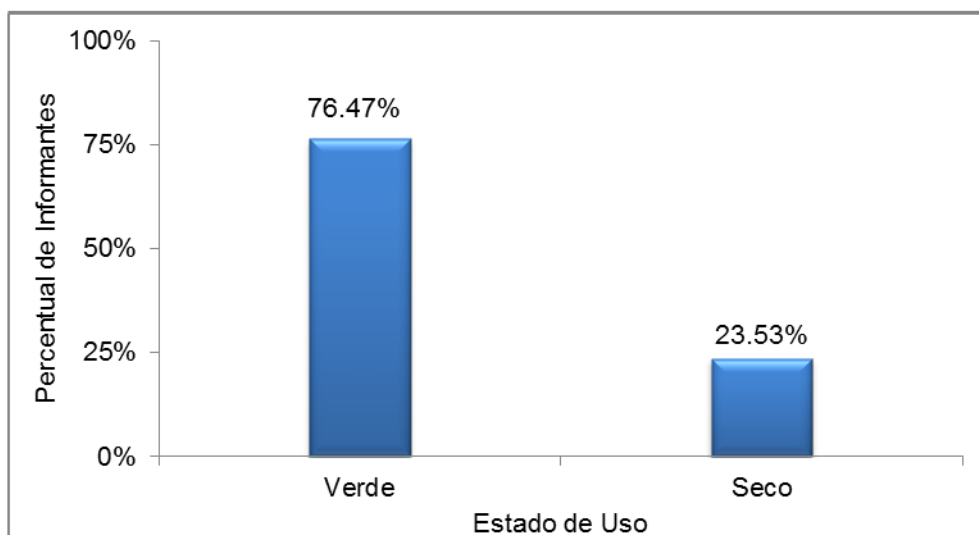


Figura 10 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.3. Uso de plantas medicinais em animais

Do total de entrevistados, 50% informaram tratar seus animais com plantas medicinais, contra 50% que informou não tratar (Figura 11). A igualdade sugere que parte dos moradores da comunidade estudada, ainda apresenta um receio em utilizar a fitoterapia no tratamento das doenças que acometem seus animais.

Segundo Bizimana (1997) em contraste com o medicamento tradicional para humanos, o medicamento tradicional veterinário não tem, contudo sido promovido ao nível internacional e poucas pesquisas foram desenvolvidas neste campo. Houve pouco estudo na eficácia das plantas medicinais e na tentativa de identificar o princípio ativo. Jirli et al. (1997) adverte que os veterinários estão preparados para defender o medicamento cientificamente comprovado.

Segundo Galdino et al (2001), tão importante quanto o cuidado com a saúde das pessoas, o tratamento adequado dos animais de produção, garante um alimento de qualidade e seguro para o consumo humano.

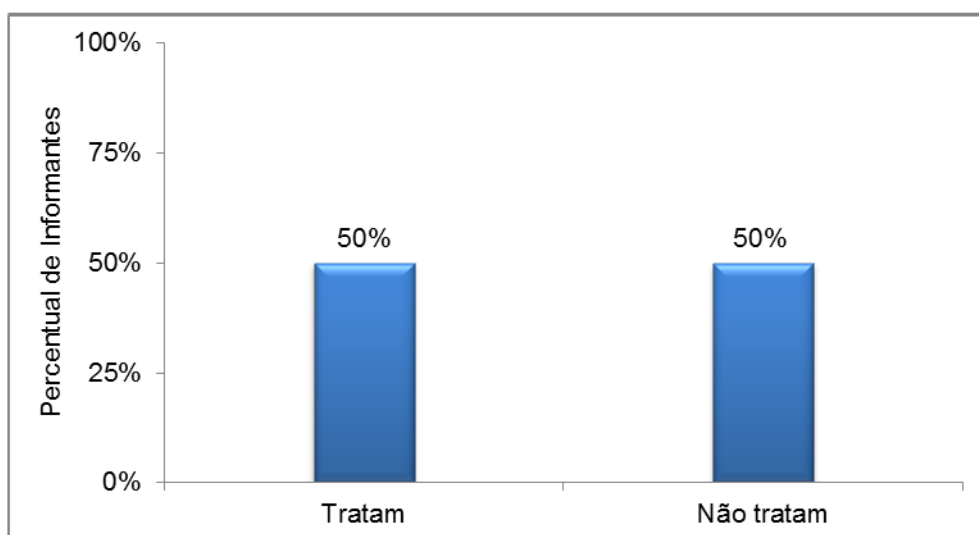


Figura 11 - Distribuição percentual dos informantes em relação o uso de plantas medicinais na cura de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Do total de entrevistados que informaram tratar seus animais com plantas medicinais, todos relataram que conseguem a cura quando utilizam a fitoterapia, o que evidencia ainda mais a eficácia do tratamento realizado através de plantas medicinais.

Com relação ao tempo de tratamento das enfermidades, 30% relataram ser curto, contra 70% que relatou ser longo (Figura 12). Isso demonstra que o tratamento fitoterápico direcionado a cura de doenças que acometem animais é mais lento.

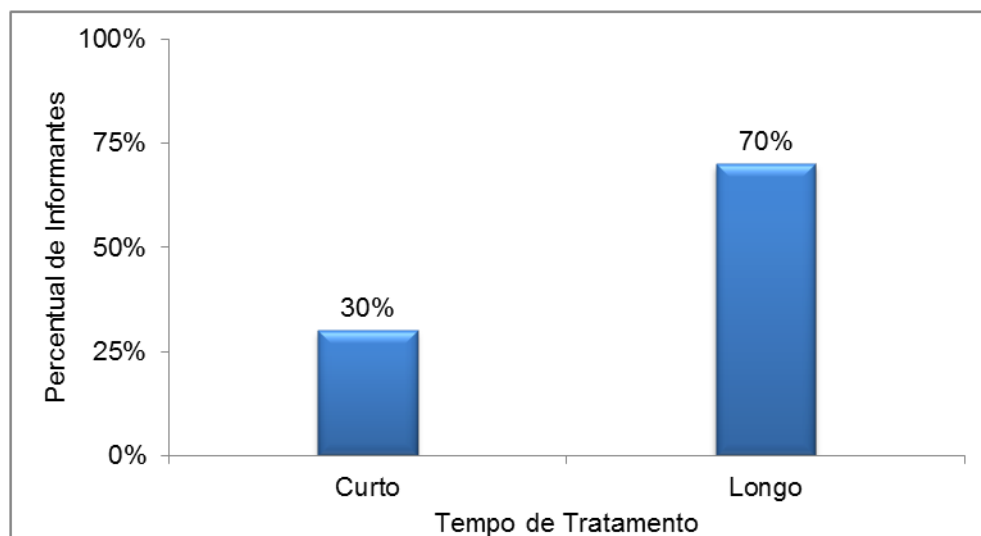


Figura 12 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao tempo de tratamento na cura de doenças que acometem animais com o uso de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.3.1. Plantas citadas como medicinais para animais

Foram citadas nas entrevistas 3 espécies vegetais diferentes que estão relacionadas na tabela 2, onde estão em ordem alfabética pela família com seus respectivos nomes específicos, nomes vulgares, partes usadas, formas de uso e indicações.

Tabela 2 - Plantas citadas como medicinais para o tratamento de doenças que acometem animais pelos moradores da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Família	Espécie	Nome Vulgar	Parte Usada	Forma de Uso	Indicação
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folha	Batido no liquidificador junto com leite.	Cicatrização de ferimentos, inflamações.
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Maceração, garrafada.	Doenças respiratórias ("Gogo" em aves)
Rutaceae	<i>Citrus</i> spp.	Limão	Fruto	Sumo	Doenças respiratórias ("Gogo" em aves)

Do total de 3 espécies, as mais citadas pelos informantes, em ordem decrescente, foram: Alho (90%), Limão (60%) e Mastruz (20%). A distribuição

percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem animais pode ser visualizada na figura 13.

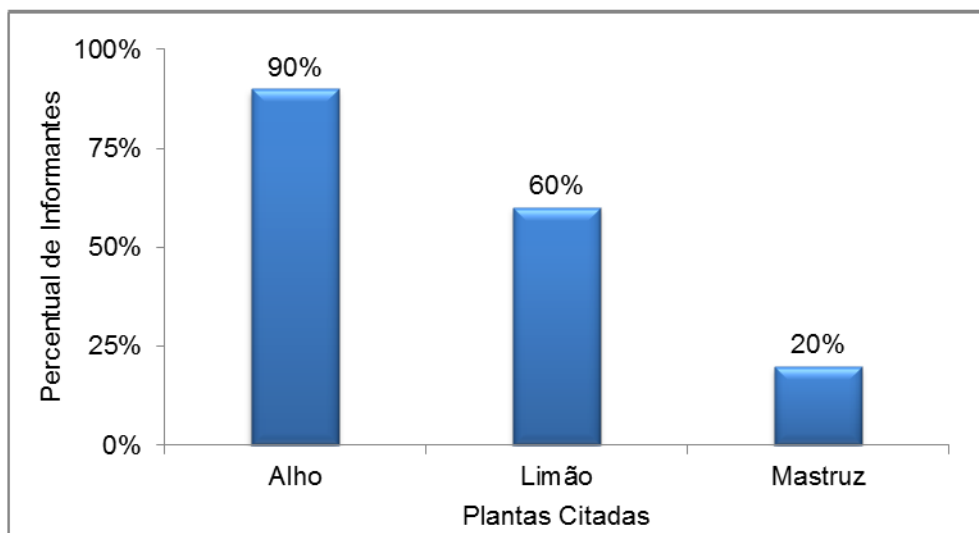


Figura 13 - Distribuição percentual dos informantes em relação às plantas citadas para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

O alho (*Allium sativum* L.) foi a planta mais citada neste estudo. Segundo Matos (1998) esta planta possui a alicina e o ajoeno, compostos sulfurados do tipo isotiocianico como seus principais princípios ativos. Segundo Almeida (2000) o alho pertence a uma família de plantas que podem causar anemia em animais se dado por período prolongado. Estes níveis tóxicos não estão bem estabelecidos, mas deve-se conter o uso constante de alho, a menor que tenha indicação médica.

4.3.2. Partes da planta usadas no preparo dos remédios para animais

Com relação ao preparo dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais, os informantes citaram algumas das partes constituintes das plantas. Do total de espécies citadas, as partes mais frequentes, em ordem decrescente, foram: bulbo (90%), fruto (60%) e folha (20%) (Figura 14).

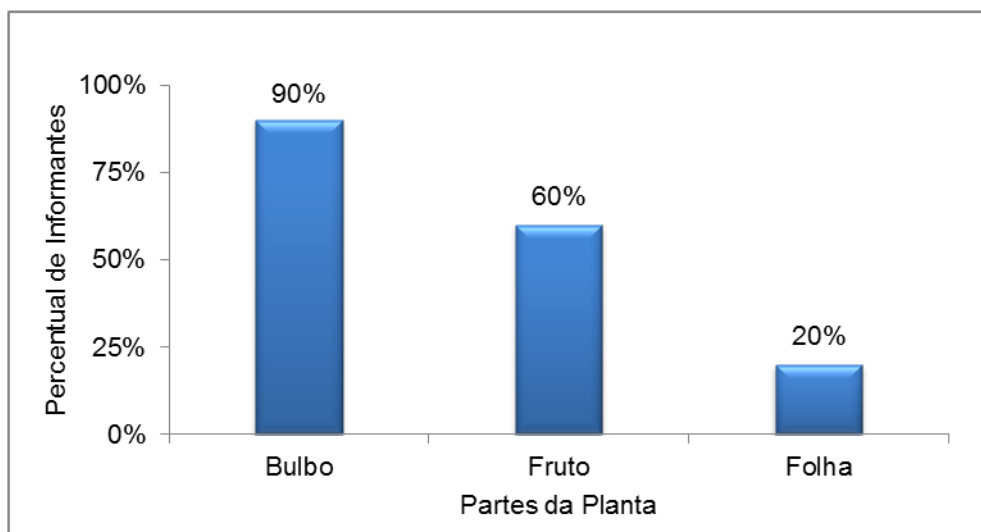


Figura 14 - Distribuição percentual dos informantes em relação às partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.3.3. Formas de preparo dos remédios para animais

Os informantes indicaram várias formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais. Do total de espécies citadas, os modos de preparo dos remédios mais frequentes, em ordem decrescente, foram: maceração (60%), sumo (60%), batido com leite (20%) e garrafada (10%) (Figura 15).

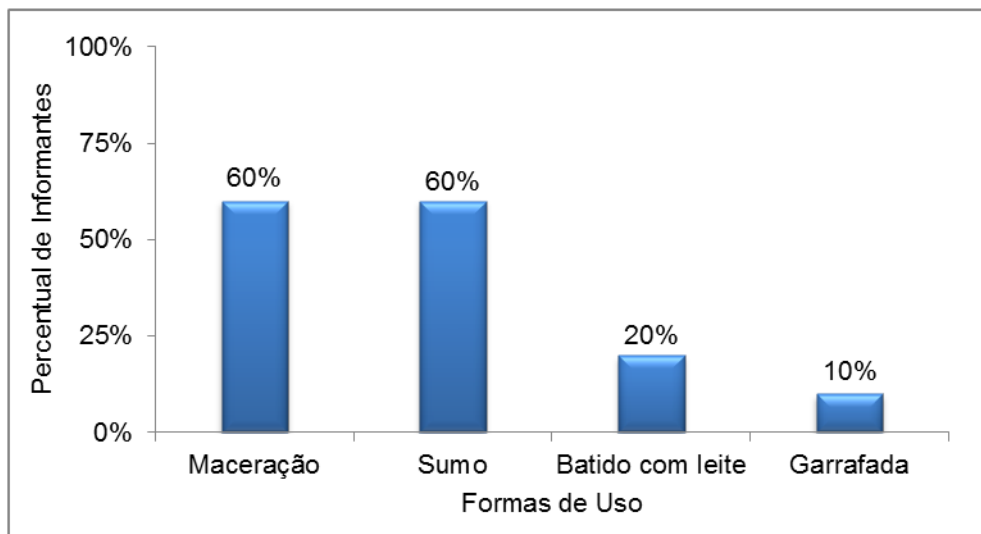


Figura 15 - Distribuição percentual dos informantes em relação às formas de preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.3.4. Estado de uso da planta no preparo dos remédios para animais

Com relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais, 90% afirmaram que utilizam as plantas em estado verde, contra 10% que informou utilizar em estado seco (Figura 16). Isso indica que os informantes preferem fazer uso das plantas ainda verde, evitando a perda de suas propriedades terapêuticas, já que a secagem, se não bem conduzida, pode causar a perda de parte dos compostos bioativos presentes na planta.

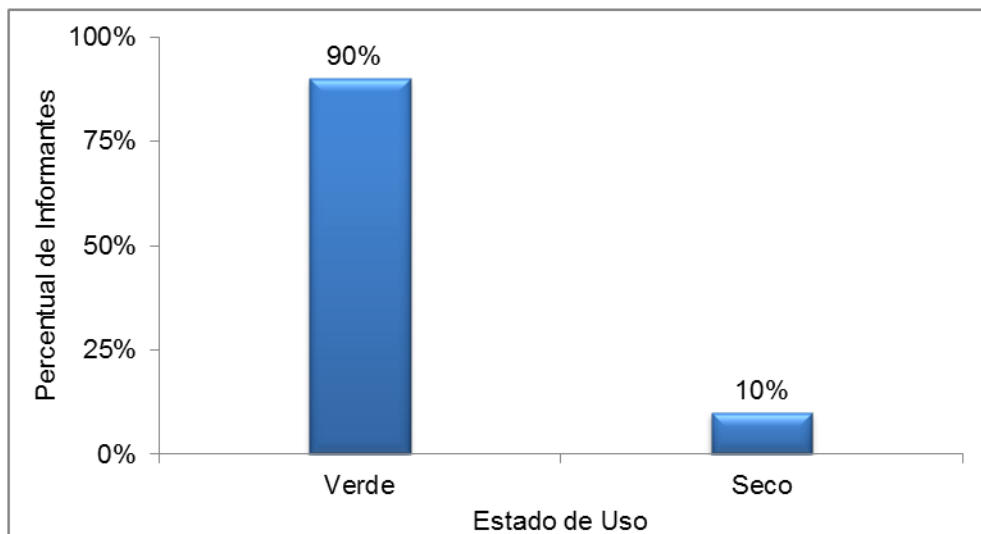


Figura 16 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao estado de uso das plantas na preparação dos remédios caseiros para o tratamento de doenças que acometem animais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

4.4. Uso do mel de abelha associado com plantas medicinais

Do total de entrevistados que confirmaram se tratar com plantas medicinais, 88,24% informaram que utilizam o mel de abelha como um auxiliar no seu tratamento, contra 11,76% que informou não utilizar (Figura 17). Isso comprova que os moradores da comunidade estudada possuem o costume de utilizar o mel de abelha com um amplificador dos efeitos das plantas medicinais no tratamento de suas enfermidades.

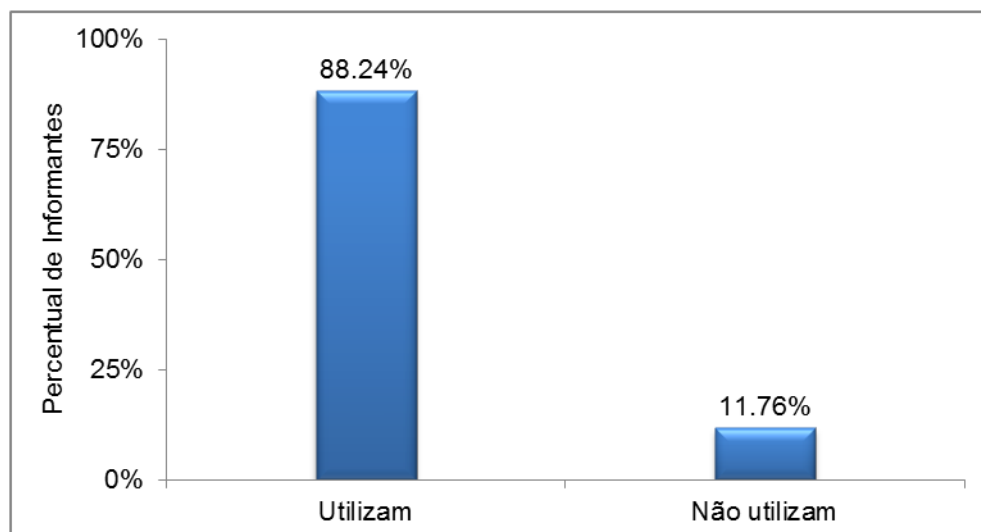


Figura 17 - Distribuição percentual dos informantes em relação ao uso do mel de abelha associado com plantas medicinais na cura de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

Do total de entrevistados que informaram utilizar o mel de abelha como um auxiliar no seu tratamento, todos relataram que conseguem a cura, o que confirma a eficiência da utilização do mel de abelha como complemento no tratamento de suas doenças.

Todos os informantes confirmaram fazer uso do mel proveniente da abelha Africanizada (*Apis mellifera* L.), conhecida por eles, ainda, como abelha “Italiana”, por ser mais acessível, já que pode ser facilmente encontrado no mercado, além de possuir conhecidas propriedades medicinais. Além disso, eles explicaram que há um desaparecimento das abelhas nativas na região, justificando o uso exclusivo dessa espécie. Todos eles afirmaram fazer uso do mel de abelha associado com plantas medicinais na forma de lambedor (xarope caseiro) para a cura da gripe e do resfriado, por apresentar um efeito expressivo na cura dessas doenças.

Historicamente, o mel tem sido usado em inúmeras condições clínicas. Recentes pesquisas têm confirmado sua eficácia no tratamento de doenças gastrointestinais, além de candidíase, doenças orais (faringite e cáries) e doenças oculares como inflamação de pálpebras, catarata e inflamação das córneas (ALJADI & KAMARUDDIN, 2004; MEDA, 2004; MIRAGLIO, 2012).

Propriedades antissépticas, antibacterianas também são atribuídas ao mel, fazendo com que ele seja utilizado como coadjuvante na área terapêutica em

diversos tratamentos profiláticos (STONOGA & FREITAS, 1991). Junto à atividade antibacteriana, o mel mostra-se capaz de promover e reparar danos à mucosa intestinal, estimulando o crescimento de novos tecidos e funcionando como um agente anti-inflamatório (SILVA et al., 2006). De maneira geral, destinam-se ao mel inúmeros efeitos benéficos em várias condições patológicas. (CAMARGO et al., 2003).

4.4.1. Plantas citadas em associação com o mel de abelha

Foram citadas 6 espécies diferentes utilizadas em associação com o mel de abelha para o tratamento de doenças que acometem humanos (figura 3). As espécies mais citadas, em ordem decrescente, foram: limão (82,35%), laranja (23,53%), hortelã (23,53%), romã (17,65%), acerola (17,65%) e alho (11,76%).

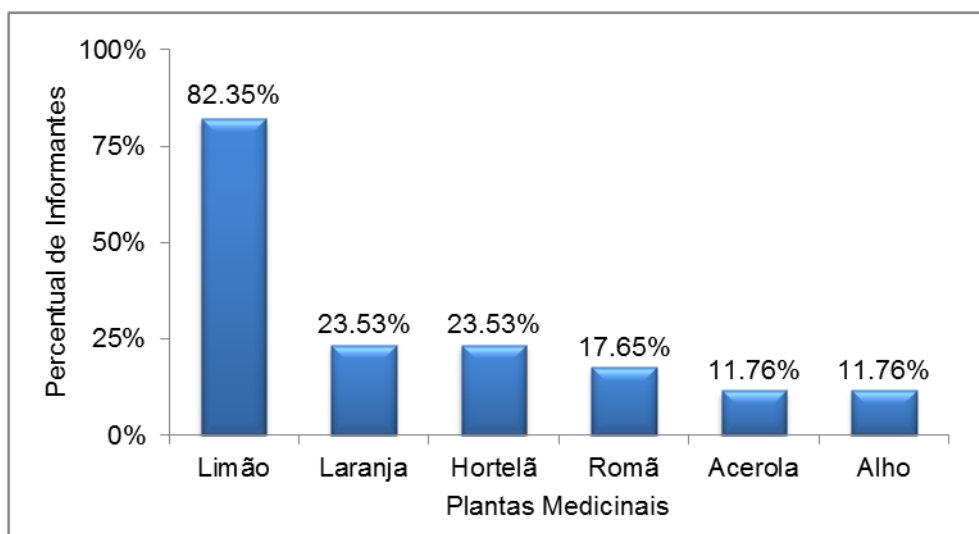


Figura 18 - Distribuição percentual dos informantes em relação às espécies citadas em associação com o mel de abelha para a cura de doenças que acometem humanos na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, PB, 2012.

5. CONCLUSÕES

Para o tratamento de humanos, a comunidade utiliza as folhas, cascas, raízes, frutos, sementes, flores e bulbos, e como forma de preparo a infusão, maceração, decocção, sumo e gargarejo.

Para o tratamento de animais, a comunidade utiliza os bulbos, frutos e folhas, e como forma de preparo a maceração, sumo, batido com leite e garrafada.

A forma de utilização do mel de abelha associado com plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos citada pelos informantes foi: lambedor (xarope caseiro). A espécie de abelha, da qual o mel era proveniente, citada pelos informantes foi a abelha Africanizada (*Apis mellifera* L.).

As espécies mais citadas para o tratamento de doenças que acometem humanos foram: Hortelã (*Mentha* sp.), Erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Brown.) e Macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.).

As espécies mais citadas para o tratamento de doenças que acometem animais foram: Alho (*Allium sativum* L.), Limão (*Citrus* spp.) e Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.).

As espécies utilizadas em associação com mel de abelha para o tratamento de doenças que acometem humanos mais citadas foram: Limão (*Citrus* spp.), Laranja (*Citrus sinensis* L.) e Hortelã (*Mentha* sp.).

A utilização das espécies medicinais, tanto para humanos, quanto para animais, foram mais direcionadas para a cura das afecções das vias respiratórias, problemas digestivos e inflamações em geral.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores da comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras possuem um certo conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem humanos e animais. Este tipo de estudo nas comunidades é de grande importância, tanto para a sociedade, quanto para a comunidade científica, uma vez que a análise desses conhecimentos pode ser útil para a elaboração de novos medicamentos.

O elevado potencial medicinal das plantas citadas pelos moradores da comunidade demonstra a importância e a necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas científicas.

Diversas plantas utilizadas na medicina popular apresentam substâncias consideradas tóxicas, tanto para humanos, quanto para animais, necessitando assim, serem manuseadas e utilizadas com o máximo cuidado.

7. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de. **Etnobotânica no Nordeste Brasileiro**. In: CAVALCANTI, T. B. (Org.). Tópicos atuais de botânica: Palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: EMBRAPA, 2000. p. 241-249.
- ALJADI, A. M.; KAMARUDDIN, M. Y. Evaluation of the phenolic contents and antioxidant capacities of two Malaysian floral honeys. **Food Chem.**, v. 85, p. 513-518, 2004.
- ALMASSY JR, A. A. **Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto - MG**. 132 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.
- ALMEIDA, K. S. **Etnoveterinária: o resgate da fitoterapia em Mossoró-RN**. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária). Mossoró: ESAM, 2000.
- ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.
- AMOROZO, M. C. M. & GELY, A. **Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil**. Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi, Série Botânica, 4 (1): p. 47-131, 1988.
- AMOROZO, M. C. M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, L. C. (Org.). Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar. Botucatu: UNESP, 1996. p. 47-68.
- AMOROZO, M. C. M. **A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade**. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2 p.
- ARAÚJO, F. A. **Estudo etnobotânico e etnoveterinário das plantas medicinais no assentamento Jacú município de Pombal – Paraíba**. 45p. Monografia (Graduação em Agronomia). Pombal: UFCG, 2011.
- BARATA, L. E. S. **Fitoterápicos**. 2007. Disponível em: <[http://www.herbario.com.br/bot/plantmed/fito ter.htm](http://www.herbario.com.br/bot/plantmed/fito%20ter.htm)>. Acesso em: 14 mai. 2012.
- BARBOZA, R.R.D. et al. The use of zootherapeutics in folk veterinary medicine in the district of Cubati, Paraíba state, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v. 3, p. 1-14, 2007.
- BARROS, W. M.; DUARTE, K. A. S.; SOMAVILLA, N. S.; BUZELLE, S.; CIRILO, D. M., **O uso das plantas medicinais na comunidade do aterrado no município de**

Nossa Senhora do Livramento como anti-diabética. XIX Simpósio de plantas medicinais do Brasil. CD ROM. Anais. 2006.

BERG, M. E. **Plantas medicinais na Amazônia – Contribuição ao seu conhecimento sistemático.** Belém, Museu paraense Emílio Goeldi, 1993. 207 p.

BESERRA, N. M.; CARREIRA, C. F. S.; DINIZ, M. F. F. M.; BATISTA, L. M. **Plantas medicinais comercializadas pelos raizeiros de feiras livres em Juazeiro do Norte - CE para o tratamento das afecções respiratórias.** In: Encontro de Extensão e Encontro de Iniciação à Docência, 2007, João Pessoa-PB.

BIZIMANA, N. Scientific evidence of efficacy of medicinal plants for animal treatment. In: INTERNATIONAL CONFERENCE HELD IN PUNE. **Proceedings...** India: v. 2, Ethnoveterinary medicine: alternatives for livestock development, 4-6 de November, 1997.

CABALLERO, J. In: Barreira A. (Ed.). **La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva.** INIREB, Xalapa, 1979. p. 27-30.

CAMARGO, M. T. L. de A. **Medicina popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada- objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral.** São Paulo: ALMED, 1985. 130 p.

CAMARGO, R.C.R.; LOPES, M.T.R.; PEREIRA, F.M.; VILELA, S.L.O. **Produção de Mel.** Net. Piauí: julho de 2003. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mel/SPMel/index.htm>>. Acesso em 11.05.2012.

CASTELLUCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luiz Antonio – SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2002.

DANTAS, I. C.; GUIMARÃES, F. R. Plantas medicinais comercializadas no município de Campina Grande, PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 1, n. 1, 2007.

DAVID, J. P.; DAVID, J. M. **Plantas medicinais. Fármacos derivados de plantas.** In: SILVA, P., Farmacologia. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 134-145.

DE PAULA, F.; RAMOS, E. F.; LOCKS, M.; CARVALHO, M. S.; BELTRÃO, M. **Estudo Preliminar Etnobotânico na Comunidade Sertaneja da Região Arqueológica de Central - BA,** In: 52º Congresso Nacional de Botânica e XXIV Reunião Nordestina de Botânica, 2001, **Anais...** João Pessoa, Paraíba.

DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: UNESP, 1996. 230 p.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** Ed. HUCITEC, NUPAUB/USP. 5ª edição, 2004. p. 75-98.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. 169 p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. **Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA); Coordenadoria da Biodiversidade (COBIO); Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB). São Paulo, 2000. p. 19-24.

DORIGONI, P. A.; GHEDINI, P. C.; FRÓES, L. F.; BAPTISTA, K. C.; ETHUR, A. B. M.; BALDISSEROTTO, B.; BURGUER, M. E.; ALMEIDA, C. E.; LOPES, A. M. V.; ZÁCHIA, R. A. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.4, n. 1, 2001. p. 69-80.

ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas**. In: Simões, C.M.O.(org). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. p. 87-99.

ESTERCI, N. **Populações tradicionais**. In: Ricardo, B. & Campanilli, M. (eds.). *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo, ISA, 2008.

FERREIRA, S. H. **Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1998. 141 p.

GALDINO, M.; STAMATO, B.; TASSI, M.E.; MOREIRA, R.; PESTELLI, M.; BERGAMO, A. PEREIRA, S. Incentivo da Utilização de Produtos de Plantas Medicinais dos Coletivos de Mulheres do Assentamento Rural Pirituba II em Animais de Produção. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.3, p.70-85, jul/set. 2001.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zarhar Editor, 2002. 233p.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. 1998. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**. 79 (3/4): 56-61.

GOOGLE. **Programa Google Earth**, 2012.

GUARIN NETO, G.; SANTANA, S. R. & BEZERRA DA SILVA, J. V. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica**. 14(3): p. 327-334, 2000.

HANAZAKI, N. **Etnobotânica no litoral da Mata Atlântica**. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/litoral/lit15.shtml>>. Acesso em: 12 jan 2012.

HAVERROTH, M. **Etnobotânica: uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang, Terra Indígena Xaçupé**. Recife: Nupeea: SBEE, 2007.

JIRLI B. et al. Cognitive domain and acceptance of ethnoveterinary medicina by animal scientists. In: INTERNATIONAL CONFERENCE HELD IN PUNE. **Proceedings...** India: v. 2, Ethnoveterinary medicine: alternatives for livestock development, 4-6 de November, 1997.

JONES, V. H. The nature and status of Etnobotany. **Chronica Botanica**. 6, p. 219-221, 1941.

LÉVI-STRAUSS, C. **A ciência do concreto**. In: O pensamento selvagem. Campinas: Papirus. p. 15-50, 1989.

MAAR, T. W. ?Qué contienen esas botellas?. **Ceres**, v.24, n.4, p.40-5, 1992.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, V. E. Plantas medicinais: a necessidades de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 23, n. 3, p. 429-438, 2002.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual**. v. 1, Chapman & Hall, London, 1995. 267 p

MARTIN, G. S. **Ethnobotany: a method**. New York: Chapman & Hall, 1995.

MARTIN, M.; MCCORKLE, M. C.; MATHIAS, E. **Ethnoveterinary Medicine. An annotated bibliography of community animal healthcare**. 1. ed. Londres, Inglaterra: ITDG Publishing, 2001. 480 p.

MARTINS, E. R. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000. 220p.

MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M. de; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas Medicinais**. Viçosa: Editora da UFV: Universidade Federal de Viçosa, 2000. 220 p.

MARTINS, G.; CASTELLANE, P. D.; VOLPE, C. A. Influência da casa de vegetação nos aspectos climáticos e em época de verão chuvoso. **Horticultura Brasileira**, v. 12, n. 2, 1994.

MARTINS, P. M. **Influência da temperatura e da velocidade do ar de secagem no teor e na composição química do óleo essencial de capim-limão (Cymbopogon citratus (D.C.) STAPF)**. 2000. 91 f. Tese (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2000.

MATEKAIRE, T.; BWAKURA, T. B. Ethnoveterinary medicine: A potential alternative to orthodox animal health delivery in Zimbabwe. **International Journal of Applied Veterinary Medicine**. v. 2, n. 4, 2004.

MATHIUS-MUNDY, E., McCORKLE, C. M. **Ethnoveterinary medicine: NA annotated bibliography**. Bibliography in Technology and Social Change Ames: Iowa State University, Technology and Social Change Program, n. 6, 1989.

MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 3 Ed. Fortaleza-CE: UFC edições. 1998.

McCORKLE, C. M. An introduction to ethnoveterinary research and development. **Journal of Ethnobiology**, v. 6, n. 1, p. 129-149, 1986.

MEDA, A. et al. Therapeutic uses of honey and honeybee larvae in central Burkina Faso. **J. Ethnopharmacol.**, v. 95, n. 1, p. 103-107, 2004.

MELO, J. G.; MARTINS, J. D. G. R.; AMORIM, E. L. C. ALBUQUERQUE, U. P. Qualidade de produtos a base de plantas medicinais comercializados no Brasil: castanha-daíndia (*Aesculus hippocastanum* L.), capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) e centela (*Centella asiática* (L.) Urban). **Acta Botanica Brasilica**. v. 21, n. 1, p. 27-36, 2007.

MIRAGLIO, A. M. M. **Honey-health and therapeutic qualities**. Disponível em: <http://www.nhb.org/techfood>. Acesso em: 11 mai. 2012.

MONTELES, R.; PINHEIRO, B. U. C. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. v. 7, n. 2, p. 17-37, 2007.

MORS, W. Plantas medicinais. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 51-54, 1982.

NANYINGI, M.O. et al. Ethnopharmacological survey on Samburu district, Kenya. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v.4, n.14, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.ethnobiomed.com/content/4/1/14>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasilica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PINTO, J.E.B.P. et al. **Plantas Mediciniais**. Lavras: PROEX/UFLA, 2000. 74p. (Boletim Extensão, 70).

POSEY, D. A. **Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. Anais. Belém: Governo do Estado do Pará. p. 112-117.

POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. p. 15-25, 1986.

PRANCE, G. T. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas, in: RIBEIRO, G. B. (Ed.), **Suma Etnológica Brasileira**. Etnobiologia. Vozes / FINEP, Petrópolis, pp. 119-133, 1987.

SCHEFFER, M. C.; ARAUJO, A. J.; MING, L. C. **Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais**. In: Manuel Abílio de Queiros. (Org.). Recursos genéticos e melhoramento de plantas para o Nordeste brasileiro. Petrolina/PE: Embrapa/Cenargen, v. 1, p. 1-25, 1999.

SCUDELLER V.V.; VEIGA, J. B.; ARAÚJO-JORGE, L. H. 2009. **Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé)**. Diversidade Sociocultural. 1 ed. Manaus: UEA Edições.

SILVA, A. F. **Levantamento do uso de plantas medicinais na população do centro urbano e zona rural denominada Lagoa dos Martins no município de Piumhi – MG**. Lavras, UFLA, 2003. 60 p. (Monografia de conclusão de curso de pós-graduação Lato Senso em gestão e manejo ambiental de sistemas agroflorestais).

SILVA, R.A.; MAIA, G.A.; SOUSA, P.H.M.; COSTA, J.M.C. (2006) Composição e Propriedades Terapêuticas do Mel de Abelha. **Alim. Nutr.**, Araraquara. v.17, n.1, p.113-120, jan./mar. 2006.

SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P.; IRGANG, B. E.; STEHMANN, J. R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. 173 p.

SOUTO, W. M. S. **Animais de uso etnoveterinário no Semi-Árido paraibano: implicações para conservação e sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa, João Pessoa, BR-PB, 2009. 158 p.

STONOGA, V. I. & FREITAS, R. J. S. D. Conteúdo de água e açúcares em mel de abelhas. **Bd. Ceppa**, Curitiba, v.9, n.1, p.9-16, 1991.

WANZALA, W. et al. Ethnoveterinary medicine: a critical review of its evolution, perception, understanding and the way forward. **Livestock Research for Rural Development**, v. 17, 2005.

8. ANEXOS

Anexo A – Questionário dirigido aos participantes com 10 (dez) perguntas específicas sobre a utilização de plantas medicinais para a cura de doenças que acometem humanos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CCTA - UAGRA - CAMPUS DE POMBAL

Comunidade: Várzea Comprida dos Oliveiras - Zona Rural de Pombal - PB

DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome: _____ Idade: _____
Sexo: Masculino Feminino
Entrevista N°: _____
Data: ___/___/____

QUESTIONÁRIO:

01) Você costuma se tratar ou tratar alguém com plantas medicinais?
 Sim Não - Por quê? _____

02) Quando você se trata ou trata alguém com plantas medicinais, consegue a cura? Sim Não

03) O tempo de tratamento é? Longo Curto

04) Você cultiva alguma planta medicinal em sua propriedade? Sim Não

05) Planta utilizada/nome vulgar: _____

06) Essa planta é? Cultivada Coletada

07) Para quais doenças essa planta é utilizada? _____

08) Qual parte da planta é utilizada?

<input type="checkbox"/> Raiz	<input type="checkbox"/> Entre-casca	<input type="checkbox"/> Fruto
<input type="checkbox"/> Casca	<input type="checkbox"/> Resina	<input type="checkbox"/> Semente
<input type="checkbox"/> Folha	<input type="checkbox"/> Óleo	<input type="checkbox"/> Planta Inteira
<input type="checkbox"/> Flor	<input type="checkbox"/> Bulbo	<input type="checkbox"/> Látex
<input type="checkbox"/> Caule	<input type="checkbox"/> Broto	<input type="checkbox"/> Outros: _____

09) Qual o estado de uso da planta? Seca Verde

10) Em que forma a planta é utilizada?

<input type="checkbox"/> Chá	<input type="checkbox"/> Compressa	<input type="checkbox"/> Inalação
<input type="checkbox"/> Lavagem	<input type="checkbox"/> Tintura	<input type="checkbox"/> Banho
<input type="checkbox"/> Emplastro	<input type="checkbox"/> Gargarejo	<input type="checkbox"/> Azeite
<input type="checkbox"/> Sumo	<input type="checkbox"/> Maceração	<input type="checkbox"/> Unguento
<input type="checkbox"/> Suco	<input type="checkbox"/> Xarope	<input type="checkbox"/> Outros: _____

Anexo B – Questionário dirigido aos participantes com 10 (dez) perguntas específicas sobre a utilização de plantas medicinais para a cura de doenças que acometem animais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CCTA - UAGRA - CAMPUS DE POMBAL

Comunidade: Várzea Comprida dos Oliveiras - Zona Rural de Pombal - PB

DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Entrevista N°: _____

Data: ___/___/_____

QUESTIONÁRIO:

01) Você costuma tratar animais com plantas medicinais?

Sim Não - Por quê? _____

02) Quando você trata animais com plantas medicinais, consegue a cura?

Sim Não

03) O tempo de tratamento é? Longo Curto

04) Você cultiva alguma planta medicinal em sua propriedade? Sim Não

05) Planta utilizada/nome vulgar: _____

06) Essa planta é? Cultivada Coletada

07) Para quais doenças essa planta é utilizada? _____

08) Qual parte da planta é utilizada?

<input type="checkbox"/> Raiz	<input type="checkbox"/> Entre-casca	<input type="checkbox"/> Fruto
<input type="checkbox"/> Casca	<input type="checkbox"/> Resina	<input type="checkbox"/> Semente
<input type="checkbox"/> Folha	<input type="checkbox"/> Óleo	<input type="checkbox"/> Planta Inteira
<input type="checkbox"/> Flor	<input type="checkbox"/> Bulbo	<input type="checkbox"/> Látex
<input type="checkbox"/> Caule	<input type="checkbox"/> Broto	<input type="checkbox"/> Outros: _____

09) Qual o estado de uso da planta? Seca Verde

10) Em que forma a planta é utilizada?

<input type="checkbox"/> Chá	<input type="checkbox"/> Compressa	<input type="checkbox"/> Inalação
<input type="checkbox"/> Lavagem	<input type="checkbox"/> Tintura	<input type="checkbox"/> Banho
<input type="checkbox"/> Emplastro	<input type="checkbox"/> Gargarejo	<input type="checkbox"/> Azeite
<input type="checkbox"/> Sumo	<input type="checkbox"/> Maceração	<input type="checkbox"/> Unguento
<input type="checkbox"/> Suco	<input type="checkbox"/> Xarope	<input type="checkbox"/> Outros: _____

Anexo C – Questionário dirigido aos participantes com 05 (cinco) perguntas específicas sobre a utilização do mel de abelha associado com plantas medicinais para a cura de doenças que acometem humanos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CCTA - UAGRA - CAMPUS DE POMBAL

Comunidade: Várzea Comprida dos Oliveiras - Zona Rural de Pombal - PB

DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Entrevista N°: _____

Data: ___/___/_____

QUESTIONÁRIO:

01) Você costuma se tratar ou tratar alguém com mel de abelha associado com plantas medicinais? Sim Não - Quais? _____

02) Para quais doenças você costuma utilizar o mel de abelha associado com plantas medicinais? _____

03) Quando você se trata ou trata alguém com mel de abelha associado com plantas medicinais, consegue a cura? Sim Não

04) Em que forma o mel de abelha é utilizado?

- | | | |
|------------------------------------|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Chá | <input type="checkbox"/> Compressa | <input type="checkbox"/> Inalação |
| <input type="checkbox"/> Lavagem | <input type="checkbox"/> Tintura | <input type="checkbox"/> Banho |
| <input type="checkbox"/> Emplastro | <input type="checkbox"/> Gargarejo | <input type="checkbox"/> Azeite |
| <input type="checkbox"/> Sumo | <input type="checkbox"/> Maceração | <input type="checkbox"/> Unguento |
| <input type="checkbox"/> Suco | <input type="checkbox"/> Xarope | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

05) De qual abelha esse mel é proveniente?

Jandaíra Italiana Africana Outros: _____